
A ESCOLA COMO CAMPO DE DISPUTA MORAL: NEOPENTECOSTALISMO, ESCOLA SEM PARTIDO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS EDUCATIVOS

THE SCHOOL AS A FIELD OF MORAL DISPUTE: NEO-PENTECOSTALISM, THE SCHOOL WITHOUT PARTY MOVEMENT, AND THE PRODUCTION OF EDUCATIONAL MEANINGS

Iale Lauro Rezende Ferreira 29

RESUMO

Este artigo analisa como discursos político-religiosos neopentecostais, articulados a atores do campo político institucional, atravessam o espaço escolar brasileiro e incidem sobre práticas pedagógicas, sentidos da docência e processos de subjetivação. A partir do crescimento da influência evangélica na esfera pública, especialmente após as eleições de 2018, investigam-se as relações entre conservadorismo moral, Teologia da Prosperidade e iniciativas como o Movimento Escola Sem Partido, que tensionam os princípios de laicidade, pluralidade e autonomia docente. Adota-se abordagem qualitativa, combinando análise documental de discursos parlamentares, projetos de lei e materiais religiosos com entrevistas semiestruturadas realizadas com professores da educação básica. Ancorado na Sociologia da Educação e na análise de discurso, o estudo compreende a escola como espaço de disputas simbólicas e políticas. Os resultados indicam que tais discursos reconfiguram o cotidiano escolar, produzindo conflitos, negociações e estratégias de resistência, afetando a experiência docente e o caráter democrático da educação pública.

Palavras-chave: Neopentecostalismo; Laicidade escolar; Discursos político-religiosos

ABSTRACT

This article analyzes how neo-Pentecostal political-religious discourses, articulated with actors from the institutional political field, permeate Brazilian schools and affect pedagogical practices, meanings attributed to teaching, and processes of subjectivation. Considering the growing evangelical influence in the public sphere, especially after the 2018 elections, the study examines the connections between moral conservatism, Prosperity Theology, and initiatives such as the School Without Party Movement, which challenge the principles of secularism, plurality, and teachers' autonomy. A qualitative approach is adopted, combining documentary analysis of parliamentary speeches, bills, and religious materials with semi-structured interviews conducted with basic education teachers. Grounded in the Sociology of Education and discourse analysis, the study understands the school as a space of symbolic and political disputes. The results indicate that these discourses reshape everyday school life, producing conflicts, negotiations, and strategies of resistance, affecting teachers' experiences and the democratic character of public education.

Keywords: Neo-Pentecostalism; School secularism; Political-religious discourses

29 Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Membro da Associação dos Geógrafos Brasileiros -I Belo Horizonte. Já foi monitor da disciplina Geografia Urbana (2016/2017) e bolsista do projeto PIPA (2016) e Imersão a Docência do Centro Pedagógico/UFMG (2018). Foi monitor de Geografia do Colégio Magnum Agostiniano ministrando aulas de reforço de Geografia. Ocupa, desde 2020 até atualmente, a função de Professor de Educação Básica no Estado de Minas Gerais (ialelauro4@gmail.com).



INTRODUÇÃO

Em 2018, Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal, foi eleito presidente com 55% dos votos, aproveitando a crise política que culminou no impeachment de Dilma Rousseff e propondo mudanças drásticas em áreas como a educação (Schlegel, 2021, p. 8). Em seu plano de governo³⁰, “O Caminho da Prosperidade”³¹ (Projeto Fênix, 2018, p. 41-42), defendia prioridade à educação básica e ensino médio/técnico, maior foco em matemática, ciências e português, sem “doutrinação e sexualização precoce”, além de expandir a educação a distância para áreas rurais.

A eleição de uma figura conservadora ampliou o debate social, especialmente em nichos neopentecostais, que se organizaram em vertentes: liberal, reguladora, punitiva e intolerante (Freitas; Noronha, 2023, p. 212). Este segmento, representado em 2018 por 69% dos votos para Bolsonaro (Ferreira; Fuks, 2021, p. 1), adota pautas morais e políticas, influenciando diretamente a educação, como exemplificado pelo movimento Escola Sem Partido (ESP) e projetos de lei que priorizam valores familiares sobre a formação ética e moral escolar (Fernandes; Ferreira, 2021, p. 195-196).

O neopentecostalismo, vertente do evangelismo caracterizada pela Teologia da Prosperidade, acumulação de riqueza e práticas de cura, cresce no Brasil desde os anos 1970, com figuras como Edir Macedo e mídias associadas (Martins, 2022, p. 5; Lemos, 2017, p. 81-84). Essa doutrina influencia valores sociais e a visão de mundo de seus fiéis, reforçando a meritocracia e a busca por status material, com impactos no ambiente escolar, especialmente quando alinhada a discursos políticos conservadores.

1 DELIMITAÇÃO DO ARTIGO E JUSTIFICATIVA

O catolicismo no Brasil, que em meados de 1980 representava mais de 80% da população brasileira, tem perdido espaço para o evangelismo e, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, este grupo formado por protestantes, pentecostais e neopentecostais representarão 37% da população brasileira em 2026.

Essa transição religiosa no país têm algumas interpretações que, embora tenham sido feitas em 2004 pela autora Simone Bohn, ainda se mostram pertinentes para a interpretação do cenário atual, onde há uma “deterioração do quadro econômico do país” (BOHN, p. 289, 2004).

³⁰ No programa de governo podemos perceber uma aproximação com o bíblico e sagrado pois há diversas imagens que nos fazem remeter a algo divino ou *acima de tudo*, como foi o slogan da campanha.

³¹ Grifo do autor. Ao longo do desenvolvimento deste projeto veremos que a palavra “prosperidade” é repetida, pois um dos dogmas do Neopentecostalismo é, justamente, a prosperidade de seus fiéis e, não por coincidência, isso aparece no título do programa de governo do ex-presidente da República.

Este fato é melhor explicado quando notamos que o evangelismo atua em locais e espaços geográficos como uma espécie de “rede de apoio”³², onde, devido a precariedade, “revelam, por outro lado, a mais completa ausência do poder público” (idem, 2004).

Em virtude destes fatos, o neopentecostalismo e seus conceitos ganham força entre grupos socialmente vulneráveis e, justamente por essa razão, “o uso de meios de comunicação de massa, a evangelização focada em setores pobres e marginalizados da população, a cura divina, o exorcismo e a prosperidade financeira” (Nascimento, 2019, p. 40) intensificam a influência do evangelicalismo nesses grupos da sociedade.





















Neste sentido é que a principal doutrina do neopentecostalismo ganha centralidade: a Teoria da Prosperidade. Criada no século XX nos Estados Unidos, Edir Macedo a trouxe para o Brasil a partir da Igreja Universal do Reino de Deus. Esta teoria consiste em “dar para receber”, ou seja, *tudo o que ofertado à Igreja - logo, para Deus -, voltará em dobro para mim*. O dízimo, como uma ferramenta dos Templos de Deus e do sufocamento³³ dos fiéis, também pode demonstrar a corrupção em determinados casos de pastores neopentecostais brasileiros, sendo Valdemiro Santiago da Igreja Mundial do Poder de Deus, uma ilustração concreta dessa dinâmica, tendo sido acusado de enriquecimento ilícito através do aproveitamento do dízimo que era repassado para sua igreja.

Ainda sobre a Teologia da Prosperidade, Lemos (2009) esclarece como este mundo próspero atrai e “captura o imaginário das pessoas, fazendo com que estas busquem por meio da crença na doutrina da teologia da prosperidade formas de conquistarem o tão sonhado e venerado status social.” (idem, p.89). Em um mundo capitalista no qual a felicidade está intimamente ligada à riqueza e prosperidade financeira, a religião assume um papel de conquista da felicidade, como Weber a definiu em seu livro *Economia e Sociedade*:

As formas mais elementares do comportamento motivado por fatores religiosos ou mágicos são orientadas para o mundo terrestre. Os atos ditados pela religião ou pela magia devem ser realizados a fim de se conquistar [...] a felicidade e uma longa vida na terra. (Weber *apud* Carvalho Filho, J. L., 2014, p. 543).

³² Para Juliano Spyer (2020), essa rede de apoio pode ser vista como um dado negligenciado do crescimento evangélico, pois é justamente através destas redes que a população é mobilizada nas situações de vulnerabilidade e melhoria da condição de vida.

³³ Este papel de sufocamento é o contrário do que a religião prega. O falta de condições como acesso a condições mínimas de sofrimento que podem gerar um sofrimento para a família deveria ser visto não como uma “falta de Deus” e sim abraçado pela religião e religiosidade pois “como problema religioso, o problema do sofrimento é, paradoxalmente, não como evitar o sofrimento, mas como sofrer, como fazer da dor física, da perda pessoal, da derrota frente ao mundo ou impotente contemplação da agonia alheia, algo tolerável, suportável – sofrível, se assim podemos dizer (Geertz, 1989, p. 119).



No ano de 2016, ainda durante a graduação de licenciatura em geografia, o contato com a disciplina “Demografia da Religião”, com foco principal na Teoria da Prosperidade e nas novas igrejas que surgiam como um grupo de apoio, despertou um interesse particular pela temática que proponho investigar. A partir da minha experiência formativa, surgiu o desejo de aprofundar a compreensão acerca das práticas discursivas desses grupos, especialmente no que tange seus modos de existência e as disputas que ocorrem dentro do espaço social.

2 O ATAQUE À EDUCAÇÃO E OS DISCURSOS DE ATORES POLÍTICOS 2 NEOPENTECOSTAIS

A transição religiosa, em si, não seria importante neste estudo que busca demonstrar o avanço neopentecostal sobre a educação, não fosse pelo início de um conflito no âmbito educacional, quando o preceito da escola laica é atacado quando um grupo específico (os neopentecostais³⁴), que, “ao buscar sua representatividade pública, de forma intencional ou não, anula ou esmaece os dispositivos que garantem a pluralidade no contexto público, objetivando a institucionalização de suas crenças e credos por meio de uma universalização normalizadora.” (Martins, 2002, p. 6).

Tal fato pode ser observado a partir de ações concretas de atores políticos que fazem parte do grupo neopentecostal brasileiro. Uma dessas ações ocorreu por meio de Nikolas Ferreira, deputado federal mais votado no Brasil em 2022, que incentivou um membro de sua família a gravar e expor uma aluna trans utilizando o banheiro feminino de uma escola em Belo Horizonte.

Esta atitude criminosa - visto que a transfobia é um crime no Brasil segundo a lei nº 7.716/89, com pena de reclusão de três anos e multa -, submete uma vida trans, que já é re-existente, como cunhado por Miguel Arroyo, e também aos professores, o direito de entender o porquê dessas “condutas políticas, imorais, antiéticas do poder os condenam a essas imoralidades” (Arroyo, p. 25, 2003), segredando indivíduos em um espaço que deveria agregar e estimular a socialização de alunos e professores, e que, por este fato “torna-se, na maioria das vezes, cada vez mais atravessada por certa angústia, amargura e decepção em relação à escola” (Chaves, 2015, p. 1162).

Como área vital da construção de um país, a educação não escapa do que o neopentecostalismo julga como “projeto divino de nação”, no qual há uma “perspectiva representacional evangélica, convictos de que precisam atuar politicamente para que os

³⁴ Destaca-se aqui que não se pode haver uma generalização quanto aos neopentecostais no caso de preconceito com minorias e ataque ao estado e educação laica. O extremismo está presente em todos os grupos da sociedade.

desígnios divinos de nação aconteçam” (idem, p.12), na qual vemos a partir da frente de atuação parlamentar conhecida como “bancada evangélica” ou “bancada da bíblia”.

Outro exemplo, desta vez mais antigo, que demonstra a influência desses parlamentares na educação é o de Marcos Feliciano, que, por meio de um projeto de lei defendeu a obrigatoriedade do ensino da teoria criacionista nas escolas da rede pública do país, em mais um “claro movimento de imposição de uma crença sobre as demais” (Vital Da Cunha; Lopes; Lui, *apud* Martins, 2022, p. 10).

É com o crescimento deste grupo neopentecostal no Brasil e sua tentativa de ação monocrática na educação brasileira que busco analisar este grupo, suas ações e compreender o porquê desse avanço sobre a educação escolar brasileira e a tentativa de transformá-la em algo com viés religioso no qual a laicidade, o estado e a educação são atingidos por ideologias religiosas e neoliberais através de doutrinas como a prosperidade e a individualidade, esta última que é uma marca do sistema neoliberal e é intrínseca aos preceitos neopentecostais, visto que:

O neopentecostalismo é uma vertente religiosa muito adaptada ao modo como a sociedade contemporânea se organiza, com base na competição, tanto econômica e política, quanto religiosa. As denominações neopentecostais são as que mais promovem e assumem posições de destaque em organizações seculares e mercantis (Souza, Ricardo, 2011, p. 16).

Assim, justifico a proposta desta pesquisa com base em dois aspectos principais: O primeiro, conforme demonstrado a partir de exemplos políticos concretos, refere-se à atualidade e relevância do tema, especialmente diante da carência de estudos que estabeleçam a relação entre a educação e o neopentecostalismo, ainda que perceba a importância do entendimento sobre as razões que impulsionam esse fenômeno.

O segundo aspecto emerge de uma observação realizada em sala de aula, na atuação enquanto professor do Estado de Minas Gerais. Ao solicitar, no início de cada ano letivo, uma resposta acerca de práticas religiosas pessoais e familiares, verifica-se que muitos estudantes - mais de 90% - consideram a si e as suas famílias como evangélicos, de grupos neopentecostais; e este fator influencia a maneira como temas que caráter social, como a pobreza ou questões políticas como o conflito entre Israel e Palestina, são tratadas, prevalecendo a perspectiva da igreja frequentada pelo aluno sobre a realidade social. Essa constatação reforça o interesse pelo aprofundamento da compreensão da questão em pauta.

3 QUAL A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DESTA TEMÁTICA?

A crescente atuação dos grupos neopentecostais no cenário político brasileiro tem despertado interesse acadêmico, embora obras que articulem especificamente neopentecostalismo e educação ainda sejam escassas. Esse vazio começou a ser preenchido com o fortalecimento do bolsonarismo, que consolidou alianças com setores evangélicos.

Para compreender o movimento neopentecostal, é necessário considerar seus dogmas centrais, como a Teologia da Prosperidade, exemplificada na obra *Vida com Abundância*, de Edir Macedo, e analisada por Juliano Spyer (2020) em *O povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam*, que oferece uma perspectiva antropológica sobre os evangélicos brasileiros.

Ferreira e Fucks (2021) demonstram que, nas eleições de 2018, a aliança entre bolsonarismo e evangélicos resultou em significativa transferência de capital político, legitimando discursivamente o grupo e consolidando uma bancada parlamentar comprometida com pautas morais e religiosas. Essa ascensão, junto à nomeação de ministros da Educação ligados à agenda conservadora, intensificou a visibilidade do movimento Escola Sem Partido (ESP), que propõe a intervenção de uma moral religiosa no espaço escolar, sob o pretexto de evitar “doutrinação ideológica” (Ismael e Alves, 2022). O ESP atua cerceando o debate plural e laico, priorizando visões compatíveis com setores religiosos conservadores, desconsiderando a diversidade cultural e religiosa das escolas públicas (FERNANDES, L. I.; Ferreira, C. A., 2021).

O crescimento das pautas religiosas na educação reabre o debate sobre a laicidade do Estado e o papel da escola como espaço de formação cidadã. Gabriela Valente destaca que essa tensão histórica se intensifica com a emergência do neopentecostalismo como ator político. Setores evangélicos, antes minoritários em disputas curriculares, tentam alterar diretrizes com base em valores morais e religiosos, muitas vezes em desacordo com princípios democráticos.

A escolha escolar pelas famílias também reflete a influência da religião na educação. Felouzis e Perroton apud Piotto e Nogueira (2021) apontam que alguns pais privilegiam ambientes considerados protetores para preservar seus valores, limitando a exposição dos filhos à diversidade cultural. Martins, em “Duas igrejas (o neopentecostalismo) e a constituição do comum na escola”, analisa como o avanço neopentecostal redefine o “comum” escolar, substituindo o espaço plural e democrático por valores religiosos específicos.

Para investigar essas dinâmicas, optou-se por abordagem qualitativa, com levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas com profissionais da educação,

metodologia já utilizada em estudos como a tese *Educação de jovens e adultos em espaços religiosos: escolhas, negociações e conflitos*. Essa abordagem permite compreender percepções e experiências de educadores diante do avanço do discurso religioso no campo educacional.

Embora a pesquisa sobre neopentecostalismo e educação ainda se desenvolva no Brasil, o cenário político pós-2018 reforça a relevância desse campo, considerando a articulação do discurso religioso conservador ao poder legislativo e a crescente presença evangélica na sociedade, que projeta sua maioria demográfica até 2030. O presente estudo visa contribuir para a compreensão de como esses movimentos disputam o espaço escolar e os valores que nele circulam.


4 A ASCENÇÃO, O DISCURSO E A POLÍTICA

Diante da problemática levantada neste projeto, é essencial compreender os principais conceitos que sustentam a relação entre religião, política e educação no Brasil contemporâneo. A ascensão do grupo neopentecostal e sua articulação com o discurso político, especialmente durante os governos de Jair Bolsonaro (2019–2022), evidencia um movimento de aproximação entre setores religiosos conservadores e o aparato estatal, com impactos diretos na educação brasileira.


O segmento neopentecostal, marcado por forte presença midiática, linguagem pragmática e visão moralista da sociedade, encontrou respaldo e representação no discurso bolsonarista. Esse discurso reforça valores como família tradicional, combate à "ideologia de gênero", e aversão à pluralidade ideológica na escola. Como observam Freitas e Noronha (2023), “o conservadorismo dos costumes propagado pelos segmentos religiosos evangélicos não objetiva alcançar somente seus fiéis, [...] mas também a sociedade mais abrangente, concorrendo com a normatização

jurídica e os valores da moralidade social laica” (p. 219). Essa atuação extramuros das igrejas é fundamental para entender o embate atual entre o campo religioso e o campo educacional.


Parte importante desse movimento está ancorada na chamada Teologia da Prosperidade, uma doutrina central para muitos líderes neopentecostais. Ela propõe que a fé individual, combinada à obediência espiritual e ao esforço pessoal, leva à prosperidade financeira e ao sucesso. Esse discurso não se limita ao púlpito: encontra eco em escolas confessionais evangélicas, na formação de professores e, inclusive, na atuação de parlamentares da bancada evangélica. A ideia de meritocracia divina, nesse contexto, se opõe à perspectiva de equidade e justiça social que deveria guiar a educação pública.




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG



UEG



UEG



UEG

Outro elemento relevante é a influência do Movimento Escola Sem Partido, que ganhou força institucional durante o governo Bolsonaro. Apesar de alegar uma defesa da “neutralidade ideológica”, o movimento carrega forte viés conservador e religioso, procurando restringir abordagens sobre gênero, sexualidade e política nas escolas. Como alertam Freitas e Noronha (2023), o Estado, ao assumir esse tipo de discurso, incorre no risco de legitimar juridicamente práticas discriminatórias, o que fere a laicidade constitucional da educação. “Mais grave do que a prática individual da discriminação é sua ratificação jurídica pelo Estado” (p. 232).


Nesse cenário, torna-se urgente discutir o papel da escola como espaço de pluralidade, diversidade e resistência. A tentativa de imposição de um modelo único de moral e comportamento nega a complexidade da sociedade brasileira e suas múltiplas identidades. Como propõe Miguel Arroyo (2023), é preciso enxergar as “vidas reexistentes” que persistem no ambiente escolar – sujeitos e culturas marginalizados que resistem ao apagamento, mesmo diante de pressões institucionais e ideológicas. Arroyo nos convida a pensar a escola como espaço de afirmação da diferença, não de silenciamento.

Portanto, as indicações teóricas deste projeto partem da compreensão de que o avanço de um discurso religioso conservador no cenário político recente – especialmente após as eleições de 2018 e 2022 – produziu efeitos concretos no campo educacional além de permite compreender a escola como espaço de disputas discursivas, no qual discursos políticos, religiosos e pedagógicos produzem práticas e subjetividades. Ao dialogar com autores da Sociologia da Educação e dos estudos críticos sobre discurso, o projeto busca analisar os processos educativos para além de sua dimensão normativa, evidenciando os conflitos simbólicos que atravessam o cotidiano escolar.


5 COMO A METODOLOGIA PODE AJUDAR NESTE ESTUDO

Esta pesquisa está inserida no campo das Ciências Humanas, com ênfase na Sociologia, buscando compreender fenômenos sociais no contexto educacional. O foco recai sobre a influência de atores políticos vinculados ao campo neopentecostal e sua relação com o Movimento Escola Sem Partido, especialmente no cenário eleitoral de 2018 e 2022.


A pesquisa adota abordagem qualitativa, articulando análise documental e entrevistas semiestruturadas. A análise documental incidirá sobre discursos de atores políticos associados ao campo neopentecostal, projetos de lei e materiais vinculados ao Movimento Escola Sem Partido, buscando compreender os sentidos produzidos sobre educação, escola e docência. Conforme Minayo (1994, p. 21-22), a pesquisa qualitativa se preocupa com uma dimensão da




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG



UEG



UEG



UEG

realidade que não pode ser quantificada, pois trabalha com "o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes", buscando acessar as lógicas internas de processos sociais complexos.

O percurso metodológico divide-se em duas etapas principais: O Levantamento documental e bibliográfico em que serão analisadas diferentes fontes como: Fontes bibliográficas: artigos científicos, livros e dissertações que abordam o neopentecostalismo, a Teologia da Prosperidade e o Movimento Escola Sem Partido; Fontes documentais: discursos de políticos associados ao campo neopentecostal, com ênfase nas campanhas eleitorais de 2018 e 2022; Obras religiosas: como *Vida em Abundância*, de Edir Macedo, a fim de compreender elementos doutrinários centrais do neopentecostalismo e suas possíveis implicações no campo educacional.


As entrevistas semiestruturadas serão realizadas com professores e professoras da educação básica do município de Juiz de Fora, visando compreender como esses sujeitos percebem, interpretam e lidam com a presença de discursos político-religiosos no cotidiano escolar. A análise dos dados será orientada por procedimentos da análise qualitativa de discurso, com atenção às regularidades discursivas e aos processos de produção de sentidos e subjetividades.

Conforme Duarte (2004, p. 215), entrevistas são recursos metodológicos fundamentais para mapear práticas, crenças e valores de universos sociais específicos, particularmente em contextos de conflito simbólico e político. A escolha pelas entrevistas semi-estruturadas justifica-se por sua flexibilidade e potencial de aprofundamento dos dados, conforme destaca Fraser (2004, p. 145), ao apontar que esse tipo de entrevista "almeja compreender uma realidade particular e assume um forte compromisso com a transformação social, por meio da autorreflexão e da ação emancipatória".


A triangulação entre a análise documental e as entrevistas qualitativas visa garantir maior rigor analítico e interpretativo, possibilitando uma leitura mais abrangente das relações entre o avanço do discurso neopentecostal, a atuação de determinados atores políticos e os impactos no campo educacional. A interação entre essas fontes permitirá examinar não apenas os discursos públicos e institucionais, mas também as experiências e percepções de profissionais da educação diante dessas influências.

CONCLUSÃO


A análise desenvolvida ao longo deste estudo evidenciou que o avanço do neopentecostalismo no cenário público brasileiro não se restringe ao campo religioso ou




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG



UEG



UEG




UEG

estritamente moral, mas se desdobra como fenômeno político, cultural e educativo, incidindo diretamente sobre a escola pública e seus modos de funcionamento. Ao articular discursos de ordem religiosa a estratégias institucionais e legislativas, atores vinculados ao campo neopentecostal têm disputado o sentido social da educação, buscando redefinir seus objetivos, conteúdos e práticas a partir de referenciais morais conservadores. Nesse contexto, a escola deixa de ser concebida como espaço plural de formação cidadã e passa a ser interpelada como território de vigilância ideológica, controle de condutas e imposição de valores particulares apresentados como universais.


Observou-se que iniciativas como o Movimento Escola Sem Partido, ao reivindicarem uma suposta neutralidade pedagógica, operam, paradoxalmente, por meio da produção de novos enquadramentos morais e políticos, que silenciam debates sobre gênero, diversidade, desigualdade social e direitos humanos. Longe de promover isenção, tais proposições instauram mecanismos de regulação do trabalho docente e de restrição da liberdade de cátedra, enfraquecendo o caráter crítico e democrático da educação. A retórica da “doutrinação” e da “proteção da família” converte-se, assim, em instrumento discursivo de deslegitimação do professorado e de suspeição permanente sobre a prática pedagógica.

Nesse sentido, a pesquisa confirmou a pertinência de compreender a escola como campo de disputas simbólicas, no qual diferentes projetos de sociedade se confrontam. Os discursos político-religiosos neopentecostais, ancorados em princípios como a Teologia da Prosperidade, a meritocracia moral e a defesa de uma ordem social hierarquizada, produzem sentidos que atravessam o cotidiano escolar e influenciam a constituição de subjetividades docentes. As entrevistas e a análise documental indicam que professores e professoras vivenciam tensões constantes entre a defesa da laicidade, da pluralidade e dos direitos educacionais e as pressões oriundas de famílias, estudantes e políticas públicas permeadas por valores religiosos conservadores. Tal cenário gera sentimentos de insegurança, autocensura e desgaste profissional, ao mesmo tempo em que fomenta estratégias de negociação, resistência e reinvenção da prática pedagógica.


Ao evidenciar esses processos, o estudo reforça que a laicidade não pode ser compreendida apenas como princípio jurídico formal, mas como condição material para a existência de uma escola democrática. A garantia de um espaço educacional plural pressupõe o reconhecimento da diversidade de crenças, identidades e modos de vida que compõem a sociedade brasileira. Quando determinados grupos buscam universalizar suas convicções particulares por meio do aparato estatal, corre-se o risco de transformar a educação em




instrumento de homogeneização cultural e exclusão simbólica, comprometendo o direito à diferença e à convivência democrática.




Além disso, a articulação entre religião e política observada nas últimas eleições revela que o debate educacional está intrinsecamente vinculado a projetos mais amplos de poder. A disputa pela escola é, simultaneamente, disputa pelo imaginário social, pela formação das novas gerações e pela definição do que conta como conhecimento legítimo. Assim, compreender a presença do neopentecostalismo no campo educacional significa também analisar os modos pelos quais determinadas racionalidades morais procuram governar condutas, produzir verdades e orientar práticas sociais. A educação, nesse contexto, torna-se espaço estratégico para a consolidação de determinadas visões de mundo.



Contudo, os dados também apontam que o cotidiano escolar não se configura como terreno de imposições lineares. Ao contrário, trata-se de um espaço permeado por contradições, conflitos e possibilidades. Professores e professoras não se apresentam como sujeitos passivos diante dessas investidas, mas como agentes capazes de tensionar, reinterpretar e resistir aos discursos hegemônicos. As práticas de diálogo, a valorização da diversidade cultural e a defesa da autonomia pedagógica emergem como formas concretas de afirmação do caráter público e democrático da escola. Nesse sentido, as “vidas reexistentes”, nos termos de Arroyo, revelam que a escola permanece como lugar de criação, contestação e esperança, mesmo em cenários adversos.



Diante disso, conclui-se que investigar a relação entre neopentecostalismo, política e educação é tarefa fundamental para compreender os desafios contemporâneos enfrentados pela escola pública brasileira. Ao lançar luz sobre as disputas discursivas que atravessam o campo educacional, este estudo busca contribuir para o fortalecimento de perspectivas críticas que defendam a laicidade, a justiça social e a formação emancipatória. Mais do que diagnosticar conflitos, trata-se de afirmar a educação como direito coletivo e como prática comprometida com a construção de uma sociedade democrática, plural e inclusiva.



Por fim, espera-se que esta pesquisa estimule novas investigações que aprofundem a análise de experiências regionais, ampliem o diálogo com estudantes e comunidades escolares e explorem outras dimensões do fenômeno aqui discutido. Em um contexto de constantes transformações políticas e religiosas, compreender a escola como espaço de disputa é também reconhecer seu potencial de resistência e de produção de futuros possíveis. Defender a laicidade da educação, portanto, não é negar a presença da religião na vida social, mas assegurar que nenhuma crença se sobreponha ao direito de todos à diversidade, ao conhecimento crítico e à liberdade de aprender e ensinar.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. *Vidas re-existent*s: reafirmando sua outra humanidade na história. Vozes: Petrópolis, 2023, 1ª edição.

BOHN, S. R. . Evangélicos no Brasil. Perfil sócio-econômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. *Opinião Pública* (UNICAMP) , Campinas, v. X, n.2,

BOLSONARO, Jair. 2018. *Projeto Fênix*, acessado em 15 de julho de 2025, <<https://veja.abril.com.br/wp-content/uploads/2018/10/plano-de-governo-jair-bolsonaro.pdf>>. Acesso em 7 de novembro de 2024.

CARVALHO FILHO, J. L.. Religião, educação e economia em Max Weber. *Civitas: Revista de Ciências Sociais* (Impresso), v. 14, p. 540-555, 2014. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.3.17107>

CHAVES, M. W. As relações entre a escola e o aluno: Uma história de transformação. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 1149-1167, out./dez. 2015. <https://doi.org/10.1590/2175-623645958>

FERNANDES, L. I., & Ferreira, C. A. (2021). *O Movimento Escola Sem Partido: ascensão e discurso*. *Humanidades Em diálogo*, 10, 194-209. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2021.159234>

FERNANDES, L. I.; FERREIRA, C. A. O Movimento Escola Sem Partido: ascensão e discurso. *Humanidades Em diálogo*, 10, 194-209. 2021. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2021.159234>

FERREIRA, M. G. M.; FUKS, M. O hábito de frequentar cultos como mecanismo de mobilização eleitoral: o voto evangélico em Bolsonaro em 2018. *Revista Brasileira De Ciência Política*, v. 34, p. 1-27, 2021. <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.34.238866>

FREITAS, M. A.; NORONHA, I. O. Neopentecostalismo e o movimento Escola sem Partido. In: *Movimentos sociais e educação: mútuas influências* [online]. Belo horizonte: Editora UEMG, 2023, pp. 211-240. Desafios para o século XXI collection. ISBN: 978-65- 86832- 16-7. Available from: <https://books.scielo.org/id/p5f97>. <https://doi.org/10.36704/9786586832167>

MAFRA, C. C. J., SWATOWISKI, C. W; SAMPAIO, C. A. M. O projeto pastoral de Edir Macedo: Uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos?. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, p. 81-96, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000100006>

MARTINS, A. A.. Duas Igrejas (o Neopentecostalismo) e a Constituição do Comum na Escola. *Educação e Realidade*, v. 47, p. 1, 2022. <https://doi.org/10.1590/2175-6236116971vs01>

MINAYO, M. C. S.. *Pesquisa social*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997 p. 288-338, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0104-62762004000200006>

PIOTTO, D.; NOGUEIRA, M. Um balanço do conceito de capital cultural: contribuições para pesquisa em educação. *Educação e Pesquisa*, V. 47, p. 1-35, 2021. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022021470100302>

SOUZA, A. R. O empreendedorismo neopentecostal no Brasil. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Campinas, v. 13, n. 15, p. 13-34, jul./dec. 2011. <https://doi.org/10.22456/1982-2650.19962>

SPYER, J. *Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

VALENTE, G. A. Laicidade, Ensino Religioso e religiosidade na escola pública brasileira: questionamentos e reflexões. *Pró-Posições (Unicamp Online)* , v. 29, p. 107-127, 2018. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0108>

Enviado em: 11/03/2026.

Aceito em: 24/04/2026.

REEDUC
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO